



O ÓDIO SEM RAZÃO NO “A RAZÃO”: UM PERÍODICO FASCISTA NO PARANÁ (1935)

RAFAEL ATHAIDES*

Este trabalho objetiva refletir sobre as múltiplas manifestações do ódio na Ação Integralista Brasileira, a partir de um jornal de militância, o *A Razão*, publicado em Curitiba, em meados de 1935. O texto segue o seguinte roteiro: primeiramente, apresenta uma breve exposição de pressupostos teóricos sobre a discussão do ódio nos fascismos; em seguida, aborda as principais imagens elaboradas em torno do comunismo e dos judeus, o que podemos chamar de ‘ódio a esmo’.

Pressuposições teóricas

Nos fascismos, grosso modo, os indesejáveis sociais próximos foram escolhidos, como portadores de caracteres odiáveis, por basicamente dois grandes critérios: em primeiro lugar, os considerados parasitas sociais e/ou econômicos, tidos como espúrios por não se enquadrarem na categoria de ‘produtores da nação’, ou por tomarem parte em grupos e sociedades ocultas, paralelas aos ditos interesses nacionais; em segundo, os considerados fomentadores do declínio moral, os ‘indecentes’, os lascivos, os homossexuais, etc. A essas duas categorias poderíamos acrescentar, pensando especialmente no Nacional-socialismo, os parasitas e indesejáveis biológicos (que, as vezes, se enquadravam também em outro critério elencados, como os judeus).

Assim, os múltiplos direcionamentos do ódio social nos fascismos podem ser entendidos como a instrumentalização¹ da revolta coletiva contra as condições “impostas” pela ação desses indesejáveis. Em outras palavras, o ódio é direcionado aos grupos vistos como responsáveis pelo declínio imaginário da nação, maior pavor, segundo Roger Griffin (1991), de qualquer movimento que cultua a ideia da palingenesia (ou o renascimento

* Doutor em História pela UFPR, docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS.

¹ É importante compreender, com Hannah Arendt, que há uma ligação entre o fomento ao ódio social e outros tipos de afetividades reativas, em especial o ressentimento. Segundo a autora, “a raiva [e o ódio dela decorrente] pode realmente ser irracional ou patológica, mas isso também vale para qualquer outro sentimento humano”, mas “a raiva aparece apenas quando há razão para supor que as condições poderiam ser mudadas, mas não são” (ARENDR, 2010: p. 81). Neste segundo caso, o ódio é consideravelmente mobilizador.

fenixiano da nação). Os odiáveis sempre figuram como os responsáveis por essa ‘decadência nacional’, se não no presente, num futuro próximo.

A questão é que para se processar a palingenesia da nação, torna-se impraticável expurgá-la de todos os correspondentes ideológicos e sociais que não se encaixam no universo fascista. Resta aos fascismos, portanto, direcionarem seu ódio a certos substitutos e é nisso que, segundo Arendt (2010), reside a irracionalidade do ódio fascista: a busca pelos bodes expiatórios.

Outra reflexão levantada por Arendt, no que concerne ao ódio e à violência, é aqui pertinente: a relação entre a crítica fascista da razão e a hipocrisia de seus representantes (liberal-democratas e socialistas). Invariavelmente, vemos nos documentos os integralistas dizerem que lutam para “tirar a máscara da hipocrisia da face do inimigo, [para] desmascará-lo [juntamente com] as maquinações e manipulações diabólicas que lhe permitem dominar sem se valer de meios violentos” (ARENDR, 2010: p. 84-85); sob esse ponto de vista não há nada de irrefletido nas atitudes dos fascistas, uma vez que “é a aparência da racionalidade, muito mais do que os interesses por trás dela, que provoca a raiva” (ARENDR, 2010: p. 84-85). Essa luta sem limites por uma revolução moral, que Stanley Payne (1995, p. 487-488) chamou de “violência terapêutica”,

não obstante ser justificável em seus próprios termos, perde a sua *raison d'être* quando tenta desenvolver uma estratégia própria com objetivos precisos; torna-se “irracional” no momento em que é “racionalizada”, quer dizer, no momento em que a re-ação no curso de um conflito transforma-se em ação, e começa a caça aos suspeitos, acompanhada pela busca psicológica dos motivos últimos (ARENDR, 2010: p. 85).

Seguindo essa linha, portanto, os discursos contra a ordem liberal, por mais verborrágicos que fossem, ainda apresentavam certas reflexões críticas (reflexões que aparecem também em movimentos de esquerda, como no anarquismo e no socialismo). Não é desse tipo de ódio que este texto trata, mas é preciso compreendê-lo, para fazer distinção com a problemática central: pensar o ódio fascista como a busca desenfreada pelo inimigo expiatório, aquele cuja crítica bebe nas fontes metafísicas; para o caso dos integralistas, trata-se do comunismo e dos judeus, tomando por base o jornal aqui analisado.

Essas considerações servem de apoio para a análise do ódio integralista, manifesto nos periódicos do Movimento: ressaltamos, não atentamos aqui para os discursos fascistas carregados de um ódio refletido contra a hipocrisia e a ‘razão de aparências’ do liberalismo,

mas de um sentimento de ódio transbordante, motivado pela ação *per se*, uma caça desenfreada aos mínimos detalhes transgressivos (imaginariamente ou não) dos ‘inimigos’.

O ódio a esmo e o discurso: anticomunismo e antisemitismo no *A Razão*

O sociólogo Juan Linz (1976) defende que os movimentos fascistas tiveram maior possibilidade de sucesso em locais onde a ameaça da esquerda revolucionária se fez presente e intensa. Sem desconsiderar a existência dessa ameaça no Brasil, concordamos com Robert Levine, quando afirma que “a própria incapacidade das esquerdas em se fazerem uma ameaça visível enfraquecia o atrativo potencial do integralismo” (LEVINE, 1980: p. 149).

A despeito da fraqueza do inimigo, o Integralismo elegeu o comunismo como um de seus principais adversários políticos e construiu boa parte de seus discursos em reação à ‘ideologia de Moscou’. Essa presença comunista, ainda parca e pouco sistematizada, representava um problema para a AIB: se quisesse se utilizar dos mesmos artifícios que seus congêneres europeus, precisava insuflá-la discursivamente. Deste modo, “quando os fatos não são muito convincentes, a denúncia da ameaça socialista aumenta porque uma de suas funções é a de criar o inimigo externo a fim de estimular a disposição de luta dos militantes” (TRINDADE, 1979: p. 256).

Ao mesmo tempo, parecia muito proveitosa para a AIB, assim como era para alguns fascismos, a associação do comunismo aos judeus. Contudo, dá análise que fizemos, depreendemos que o discurso antisemita ganhou foro independente no jornal *A Razão* ao longo do tempo, se desprendendo da crítica materialista de Plínio Salgado e culminando no mais escancarado ódio racista.

Isto posto, cabe aqui uma pergunta inicial: como um jornal fascista recebe o nome de “*A Razão*”? Além de homenagear o primeiro jornal pré-integralista de Plínio Salgado, o sentido atribuído a essa ‘razão’ é o de ‘lógica’, tomando aqui o conceito de ideologia em Hannah Arendt²: a lógica interna, racionalizada e inescapável, de uma ideia, que uma vez

² Segundo Arendt, a ideologia se constitui totalitariamente em virtude de três elementos: 1) explicação total da história corrente (o “movimento”): passado, presente e previsão infalível do futuro; 2) emancipação em relação à realidade e à experiência, na defesa de uma “realidade ‘mais verdadeira’”; 3) método coerente, portanto, inexistente na realidade, de demonstração dos fatos a partir de um axioma: aversão a toda e qualquer contradição (ARENDR, 1989: p. 522-524).

posta em funcionamento se assemelha a um labirinto sem portas, cujas possibilidades são predeterminadas pelo seu construtor.

A simplicidade da lógica inescapável da ideologia é capaz de produzir as mais incríveis elucubrações acerca de um ‘outro indesejável’. Por essa lógica, não importa se ‘x’ carece de ‘y’ para uma comprovação. A relação, cara à História, entre evidência e objeto é morta para a ideologia. Isso posto, vejamos agora diversas manifestações do que podemos chamar ódio ‘anticomunista e antissemita expiatórios’, cuja função no interior do movimento era fundamentalmente ‘socializar’ o ódio, além de outros sentimentos como o medo (sempre o medo daquilo que o outro poderia impingir: a decadência, a revolução comunista, a dominação internacional, etc.).

No intuito de desqualificar os inimigos próximos, o *A Razão* recorria, frequentemente, a descrições das condições da URSS, sempre exposta como a **matriz única do antifascismo brasileiro**. Ou seja, para infamar a Aliança Nacional Libertadora, falava-se da União Soviética. Muitas dessas construções do anticomunismo integralista são insistentes denúncias de práticas da URSS, tomadas como violações aos princípios cristãos (como a imagem mariana da mulher, a família nuclear, etc). Nesse sentido, não são poucas as publicações que satanizam o comunismo, atribuindo a ele alguma ação ou presença de forças espirituais malignas. Essa é, sem dúvida, umas das principais características da socialização do ódio irrefletido aos indesejáveis na AIB: a atribuição de identidade, características ou práticas luciferianas aos inimigos. Seguem-se alguns exemplos.

Uma nota no número 9 do *A Razão* alertou às “famílias brasileiras” taxativamente:

a Aliança Libertadora é comunista. O seu Chefe é o senhor Luiz Prestes, que é comunista e é o grande defensor do regimen bolchevista da Russia, onde as mulheres são ordenhadas miseravelmente como si fossem animaes (A RAZÃO, 22 jun. 1935: p. 2).

Por sinal, a imagem das ‘mulheres-vacas, ‘ordenhadas’ na URSS, não era nenhuma novidade em discursos anticomunistas do período. No jornal paranaense essa imagem ganhou página inteira, incluindo fotografias, em 27 de setembro de 1935. A chamada de cabeçalho registrava: “Brasileiros! Não admittamos que as nossas mães sejam transformadas em animaes como no Communismo!” (A RAZÃO, 27 set. 1935: p. 3). Em seguida, figuraram textos e fotos promovendo uma comparação entre o Comunismo e Fascismo (Ilustração 1). A

publicação era, na verdade, uma reprodução adaptada de uma matéria do jornal *A Offensiva*, maior periódico nacional da AIB, de 15 de junho de 1935. A principal diferença entre as duas foi o pouco receio dos redatores paranaenses em se identificarem como fascistas. Na matéria original, a ‘ordenha comunista’ foi comparada com o futuro Estado Integral e com o termo genérico “paizes corporativistas”: ao invés de “[...] o Integralismo é a dignidade e a liberdade!” (A OFFENSIVA, 15 jun.: p. 5), o *A Razão* publicou “[...] o Fascismo é a dignidade e a liberdade” (A RAZÃO, 27 set. 1935: p. 3).

Ilustração 1 – Matéria comparando Comunismo e Fascismo, publicada no *A Razão*

Communismo : As crianças, mais desgraçadas que os animaes!
As mães transformadas em vaccas!

O Communismo não permite que os paes fiquem com os filhos. Quando uma mulher tem um filho deve entregal-o immediatamente ao Governo. Não é necessario dizer quem é o pae, porque as gatas, as vacas, as cabras devem ser imitadas; cada “redada” é de um gato, um boi ou um bóde diferente. A mulher deixa de ser mái para ser uma maquina de fabricar escravos para o Soviet. A misera reproductora é obrigada a ir todos dias ao “Posto de Ordenhação”. Esse nome horrivel são os proprios communistas que deram ao logar onde vão as mães deixar o seu leite para filhos desconhecidos. — Isto é tirado da Revista de Propaganda Sovietica Official no Exterior.

crianças, nas **crèches** do Governo crescem alimentando-se em madeiras, não conhecem seus paes. São todas rachíticas e educadas para a escravidão. Pobre povo russo! E ainda ha tarados que pretendem esse inferno no Brasil! E esses tarados, são os que não têm Família, não têm Patria e não respeitam a Deus! são muitos: — o burguez gozador que explora o operario; — o capitalista deshumano; — o literato comunista degenerado e burguezote; — o agente de Moscow que recebe dinheiro para levar boa vida á custa dos operarios; — os desfibrados de toda a especie. Operarios! O communismo está vos passando o conto da “santacasa”, o conto da “guitarra”! — Cuidado!




Nos estabelecimentos todas as mães são degradadas torpemente. As "casas", o conto da "guitarra"! — Cuidado!

FASCISMO:

Enquanto o comunismo é o aviltamento da creatura humana e o martírio do operário, o Fascismo é a dignidade e a liberdade.

As crianças: thesouros dos paes!
As mães respeitadas como santas!

Escreveu Gounod na primeira pagina da sua autobiographia:
 "Minha mãe, que foi tambem minha ama, — escreveu elle, — fez-me com certeza engulir tanta musica como leite. Nunca deixava de cantar quando me ninava.

Vêde que differença!
 Vêde o sorriso das mães felizes, tão diferente das caras tristissimas das mulheres russas!
 Na Italia, os paes são donos das crianças. O governo fascista ajuda as mães, vela pelas criancinhas.

Vêde que bebê!
 Vae ser um homem livre, não um escravo do capitalismo sovietico.

Vêde essas mulheres italianas! Comparae com os outros clichés! — Operarios brasileiros que tendes coração e amae a vossos filhos! Operarios que prezaes a honra de vossas esposas e filhas! O fascismo as respeita e o comunismo quer transformar todas as mulheres em escravas da rua dos Tymbriras!

No seio quente das mães carinhosas, as crianças fascistas mamam humanamente. — Estão crescendo para serem homens livres e não escravos do Governo como são os infelizes russos. — Possam comprehender, todos aquelles que ainda têm mãe, o thesouro que possuem, para que não tenham, mais tarde, de arrependem-se quando a tiverem perdido.

A felicidade que nunca tiveram as crianças na RUSSIA desde que meia dúzia de criminosos escravizaram o povo daquella paiz: — tar na bocca, em vez de um frio bico de borracha, o seio palpitante de amor de uma mãe carinhosa; sentir no rosto innocente, a carne! Este instantaneo foi apanhado na Italia.

Posso dizer que tomei as minhas primeiras lições sem saber, sem ter que prestar á primeira idade aquella attenção penosa tão difficil de obter-se das creanças.
 Miguel Angelo dizia que tinha mamado, com o leite materno, o sentido da plastica.

Fonte: A RAZÃO, 27 set. 1935: p. 3

Em outro texto destinado às mulheres, um militante de nome Levy Saldanha, Chefe Municipal do núcleo integralista da cidade da Lapa, antecipou o destino da mulher brasileira após a vitória do comunismo:

A vossa função divinizante de esposa e mãe será um escarneio no regimen da escravidão branca. Não tereis mais o direito de amamentar o vosso filho, porque esse filho não vos pertencerá. Elle será do Estado escravizador. Tereis que descer do vosso pedestal dignificante, ó mães brasileiras! Para penetrardes num estabulo imenso onde sereis ordenhadas como um animal qualquer: e o vosso leite que é tambem vosso sangue leval-o-ão para filhos desconhecidos! Estes — pasmae, ó criaturas santas! — mais tarde serão atirados ás ruas, com na Russia, haja vista a cifra fabulosa de duzentos mil menores, nauquelle Paiz, abandonados em Moscow, além de outras cidade, e que aos poucos vão desaparecendo corroidos pela syphilis, ou dizimados pela cocaína! (A RAZÃO, 12 jul.1935: p. 3).

Em 17 de outubro de 1935, veiculou-se a informação de que uma menina, considerada "heroína" na URSS, havia recebido do Estado um beneficio de 30 rublos por mês, por ter entregado o pai (que teria escondido cereal e carne do governo):

São interessantes esses 30 rublos: a mesma importância que Judas recebeu traidor do seu divino mestre, com a diferença que aquele traidor recebeu uma vés só e teve a coragem de se enforcar, ao passo que a pequena e triste traidora bolchevista vai receber seus 30, indefinidamente [sic] e ainda com a aureola de heróina! Pobre Rússia, que fizeram de ti! Brasil, oh Brasil, eis o que querem fazer de ti! (A RAZÃO, 17 out. 1935: p. 5).

Os exemplos de ‘notícias’ sobre a URSS se repetem. Em outros textos, menos preocupados com o que acontecia na URSS, o comunismo e suas práticas foram simplesmente associados a clássicas figuras espirituais malignas³:

O monstro crava cada vez mais fundo as suas unhas no seio da comunidade Brasileira. Já agora veio a luz do dia... mas com a máscara da hipocrisia, ainda! Elle cresce cada vez mais, sufocando todas as consciências: é o milagre de Satanaz! [...] Decidi, pois, brasileiro! Que a liberal-democracia está se finando... Eis a alternativa: comunismo ou integralismo, e, nesta hora crucial da nacionalidade, escolhi, um ou outro, para que não sejas tragado por ambos (A RAZÃO, 12 jul. 1935: p. 3).

Usando do mesmo artifício, em texto sobre a morte do operário petropolitano Leonardo Candú (militante da ANL morto em combate de rua pelos integralistas), um comentarista anônimo se aproveitou morbidamente da situação e atacou o comunismo:

Se lhe tivessem dito, aquelas que o converteram ao marxismo, que, com a vitória de sua idéia, a velha mãe, peso morto do Estado rubro, talvez não tivesse direito á vida, e a companheira seria sua e dos camaradas, e as filhinhas, propriedade do Estado Moloch⁴, teriam oficialmente direito á educação colectiva, impessoal, anti-familiar, mas realmente estavam destinadas a perecer como os milhões de crianças russas abandonadas; si lhe tivessem dito tudo isto, talvez não morresse o operario Candú (A RAZÃO, 22 jun. 1935, p. 2).

Outra faceta do ódio no jornal A Razão é o antissemitismo. Pela leitura sequencial do periódico, tem-se a impressão, até o número 10, de uma parca presença do antissemitismo. Até aquele número, apenas uma matéria se dedicou exclusivamente à detração aos judeus; os textos apresentavam um antissemitismo esporádico, diluído nos textos anticomunistas, antiliberais, ou imerso no antimaterialismo de forma genérica. Seguindo as ideias de Gustavo

³ Toda irracionalidade do discurso anticomunista da AIB foi justificada por Salgado de forma bizarra no famigerado livro Mensagem às Pedras do Deserto, coletânea de pensamentos anticomunistas publicada, em 1947. Segundo o texto, o comunismo era inapreensível ao “raciocínio lógico”, uma vez que se conformava na “lógica do diabo, e o diabo não é um sujeito passível de interpretação por parte de pessoas ditas sensatas, ou seja, bitoladas e formalistas” (SALGADO, 1947: p. 7).

⁴ *Moloch* era o nome de uma divindade adorada pelos os Amonitas e Moabitas na Antiguidade, à qual se sacrificavam crianças em fogueiras. Na tradição cristã e cabalística é o nome de um demônio. Marx chegou a se utilizar do termo para designar o capital, em virtude da sua exigência de sacrifícios humanos.

Barroso e dos “Protocolos dos Sábios de Sião” (livro fraudulento por ele traduzido pioneiramente no Brasil), acreditava-se que por trás de todos os males do mundo ocidental estariam os judeus, agindo de forma oculta e conspirativa.⁵

A partir do número 10, contudo, as evidências não nos permitiram ignorar os ataques diretos aos judeus. Tais ataques, invariavelmente, extravasavam a barreira do ‘simples’ “antissemitismo econômico”, como queria Reale⁶, ou da “coincidência” de Salgado⁷. Da leitura atenta dos números seguintes, tornou-se cada vez mais difícil depreender divisões estanques nas representações do antissemitismo (por exemplo, ‘econômico’, ‘religioso’ e ‘racial’).

No nº 10, foram apresentados trechos ‘amontoados’ e descontextualizados de uma tradução do Talmud, feita por “conhecedores da língua hebraica”, uma demonstração do antissemitismo primário:

Os judeus são o povo predilecto de Deus, os portadores do espirito de Deus, são homens; os pertencentes a outros povos não são chamados homens, mas sim, gado, animaes. Deus nunca está desgostoso com os judeus, mas sim, com os não judeus. A alma de um judeu vale diante do trono de Deus, mais que mil almas dos não judeus. Todos os judeus são filhos de príncipes, reis, imperadores. Quem dá uma bofetada num judeu merece a morte, pois é como se fosse dada a Deus. O dinheiro na mão de um não judeu é considerado dinheiro sem dono; o primeiro judeu que vem, toma-o. Quando um judeu está explorando um não judeu e surge um outro judeu, este segundo judeu fica obrigado a auxiliar o primeiro na exploração, tendo direito a uma gratificação correspondente ao auxilio prestado (A RAZÃO, 05 jul.1935: p. 6).

⁵ As raízes do pensamento antissemita de Barroso foram sintetizadas por Marcos Chor Maio nos seguintes termos: “o único grupo que recusou o convite cristão de criar uma totalidade que diluísse as especificidades foi o povo judeu. Concebido como povo do deserto, árido, disperso pelo mundo, incapaz de se fixar num só lugar, de constituir uma nação, um Estado e movido pela razão e pelos interesses, o povo judeu foi acusado de ser o inventor e a principal força do materialismo. Ao impedirem a realização plena do revolucionarismo cristão, os judeus derrotaram o espiritualismo, inventando o mundo moderno. Esta nova etapa da história se expressou através do capitalismo e do comunismo. A concretização dos princípios destas ideologias políticas destituiu os homens de suas referências morais básicas, instaurando o caos, intento previsto pela estratégia judaica” (MAIO, 1992: p. 26).

⁶ Nas palavras de Miguel Reale: “nós brasileiros devemos nos libertar do jugo do capitalismo financeiro e do agiotarismo internacional, sem que para isso abandonemos os princípios éticos para descambarmos até os preconceitos racistas. A moral não permite que se distinga entre o agiota judeu e o agiota que se diz cristão” (REALE, 1983: p. 231). Interessante observarmos que subjaz a essa frase a ideia de que no cristianismo integralista a agiotagem e a religião são excludentes. Ou seja, o judeu tem na sua índole a agiotagem. Isso corrobora, em certo sentido, a ideia de Tucci Carneiro, que vê em Reale um racismo travestido de “aparências formais” (CARNEIRO, 2001: p. 294).

⁷ Plínio Salgado sempre tentou abrandar o antissemitismo incrustado em setores da AIB mais ligados a Barroso. Em carta aberta, publicada na revista de estudos integralistas Panorama, podemos ler, por exemplo: “Quanto ao capitalismo judeu, na realidade ele não existe como tal. O que se dá é apenas uma coincidência; mais de 60% do agiotismo internacional está nas mãos israelitas. Isso não quer dizer que sejam eles responsáveis exclusivos pelas desgraças atuais do mundo” (SALGADO apud TRINDADE, 1979, p. 242).

Como corolário, o comentário de “João do Sul” (pseudônimo de um ‘tímido’ parnanguara antissemita, que publicava frequentemente no *A Razão*⁸) ganhou contornos políticos:

É o cumulo! Com tal conceito religioso esta gente pretende instalar o comunismo no mundo (pois não conheço judeu que não seja comunista). Que bello comunismo! Lá em cima os judeus como principes, condes, duques, reis e imperadores, os nobres da criação, e lá em baixo, a humanidade, uma grande carneirada, as bestas de carga e do trabalho, adorando e venerando os seus amos. É o sonho de Israel!... Tome cuidado, brasileiro, para não te tornares carneiro, animal... (A RAZÃO, 05 jul.1935: p. 6).

João do Sul reaparece no nº 11, elaborando associações cada vez mais escabrosas e aumentando o tom da agressividade. Intitulando o governo soviético de “capitalista-judaico-russo”, afirmou que o Estado soviético “permite que os judeus residentes na Rússia tenham suas famílias e que frequentem suas synagogas”, embora tenha destruído as bases da família e da religião em toda sociedade Russa. O texto prossegue:

Além de milhões de vidas humanas sacrificadas com esta loucura, os templos christão são convertidos em cinemas, salões de baile, sédes de clubes, etc. Isto tudo está de accordo com o Talmud (a Bíblia judaica) que considera os judeus como povo superior, eleito de Deus, a raça superior, e os demais como um rebanho de carneiros, para os quaes os dez mandamentos de Moysés, não tem aplicação. Brasileiros! O comunismo vem ahi, como Alliança Libertadora, atraz da qual se esconde Israel, para, na hora propria dar o bote e impor as leis talmudicas ao povo brasileiro (A RAZÃO, 12 jul. 1935: p. 4).

Para João do Sul, a maçonaria também figurava entre os ‘recantos judaicos’. Quando, em agosto de 1935, os maçons de Paranaguá veicularam um folheto contra a AIB contendo a tríade Liberdade, Igualdade e Fraternidade, ele respondeu, mostrando ser um assíduo leitor de literatura antissemita:

Quanto a trilogia “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, recomendamos aos maçons a leitura dos “protocolos dos sábios de Sião” que são os planos elaborados pelos supremos chefes da franco-maçonaria. [...] Lê maçõn de Paranaguá estes “Protocollos” e verás que teus chefes supremos (todos judeos) querem te aproveitar como tijolo na construção do trono de Israel. Depois de teres feito o teu trabalho, teus chefes supremos te darão em pagamento o desterro, a morte, o exílio. Lê estes “Protocollos” e verás que tomaste o bonde errado. Leia também: “As forças secretas da revolução” de Léon Poncins e vestirás uma camisa verde, porque és brasileiro e amas a tua patria e tua familia (A RAZÃO, 05 ago. 1935: p. 3).

⁸ O próprio militante se colocava na posição de ‘antissemita oficial’ do *A Razão*, adaptando o pseudônimo de Gustavo Barroso, “João do Norte”.

A propósito, o livro antissemita de Poncins recebeu uma extensa nota de recomendação no nº 27 do A Razão. Eis as conclusões do redator da nota, sobre a leitura do texto:

Pouca gente sabe que o judaísmo, está indissolivelmente ligado á Maçonaria. Na época atual judeus e maçons colaboram no mundo inteiro, para a vitoria da revolução universal. Nos diferentes países, os altos gráus maçonicos são, em grande maioria, ocupados por judeus. O judeu sempre teve predileção especial por sociedades secretas. Existem lojas exclusivamente judias, tais como a famigerada ordem maçônica do Bnai-Brith, com séde em Chicago. A Maçonaria em todos os países defende os interesses semitas. De mais a mais, os ritos, as senhas e os símbolos maçonicos são de pura origem judaica! O proprio objeto [objetivo] da Maçonaria, destruição da civilização cristã, revela o judeu, porque só ele pôde lucrar com essa ruína, só ele nutre contra o cristianismo um ódio tão violento a ponto de crear semelhante instituição. Eis porque a maçonaria nos declara guerra. É que nós integralistas vemos no cristianismo o mais seguro guiador dos povos, e seguiremos os seus principios eternos (A RAZÃO, 08 nov. 1935: p. 4).

É fato que alguns discursos assinados por João do Sul se parecem mais antijudaicos que antissemitas. Entretanto, às vezes o militante de Paranaguá ultrapassava o antijudaísmo e assinava por artigos racistas vindos de pesados jornais antissemitas europeus, como do francês *Libre Parole Populaire*. Em texto dirigido ao problema da “infiltração judaica” nos EUA, o redator começou por enaltecer o “saneamento do [...] povo” que “os allemães iniciaram com coragem”; em seguida, lamentou o fato de que, na Inglaterra, na França e Estados Unidos, “as medidas de defesa contra as terriveis tentativas de dominio mundial pela raça judaica” ainda eram “fracas” (A RAZÃO, 30 jul. 1935: p. 3). Contudo, nos Estados Unidos, o problema se mostrava crítico:

Esse paiz, de immensas riquezas, offereceu á fantasia comercial, infinitas possibilidades. Que bello campo de acção para esta raça atrevida, que sempre está prompta a abandonar sua ultima patria adoptiva e procurar os paizes novos em via de revelação de suas riquezas. Nunca se encontrará entre os pioneiros que recortam novos territorios e trazem á luz as suas riquezas. Eles deixam para os outros povos o árduo trabalho alliado ao sacrificio de vida e bens, que sempre se dão nas novas emprezas. Mas, mas apparecem as primeiras riquezas, os judeus, um bando de aves de rapina, sahido dos ghettos europeus voam para estes paizes a procura do lucro fácil (A RAZÃO, 30 jul. 1935: p. 3).

Os judeus, segundo o texto, esperaram o crescimento das cidades e das riquezas norte-americanas, para aparecerem no país apenas no século XIX (!): “Só agóra se observa a vinda dos judeus, sujeitos, barbados, nojentos, esfarrapados para explorar esse jovem povo confiante

em suas forças, ingênuo e hospitaleiro” (A RAZÃO, 30 jul. 1935: p. 3). Na sequência, por fim, o autor tentou mapear todos os importantes cargos do governo Roosevelt nas mãos dos judeus.

De fato, João do Sul era mais frequente redator de matérias antissemitas no *A Razão*. De agosto a novembro de 1935, quase todas as edições trouxeram matérias antissemitas assinadas pelo obscuro contribuinte. Um dos mais ousados de seus textos apareceu no nº 18, de 10 de agosto de 1935, cujo título é “O Desejo de Israel”. Nele, os judeus foram acusados de todos os “assassinatos em massa” ocorridos durante as Revoluções Russa, Húngara e Alemã, nos quais “entre as vítimas não se encontrava um judeu sequer”. Esses fatos, segundo o autor, receberam uma cobertura “curta e sem grandes comentários” pela “imprensa judaica internacional”, ao passo que, as revoluções fascista e nazista, feitas “sem derramamento de sangue”, foram veementemente combatidas pela mesma imprensa; diante disso, a história se repetiria no Brasil (A RAZÃO, 30 ago. 1935: p. 4):

Quando o Integralismo tiver vencido no Brasil, a imprensa internacional judaica repetirá idêntica manobra usada em relação à Itália e Alemanha. Os [ilegível] telegráficos aquecerão de [ilegível] calúnias e mentiras lançadas no mundo. Portanto, quanto maior for o nosso movimento, maior deverá ser a nossa disciplina e ordem, pois uma revolução não se faz com violência, matando gente e incendiando prédios, mas sim impondo à nação, disciplina, ordem, respeito às leis, Contrário a isso é o desejo de Israel (A RAZÃO, 30 ago. 1935: p. 4).

Se João do Sul oscilava entre o antissemitismo e o antijudaísmo, esse não era o caso de Raymundo Valle Sobrinho, nº 2 da Província Paranaense da AIB. Em “Tempora Mutantur...”, o texto mais denso publicado no jornal, carregado de simbologia, Valle Sobrinho profetizou, para um tempo não muito distante, o fim da “absorção do espírito pela matéria” e do “desperdício das energias do homem, nas expansões exageradas da animalidade”; em seguida, escreveu:

A profecia, para desespero de Israel, se não realizará, ainda, desta vez. Aries lhe não será sacrificado neste século. Mais cem anos de cogitações para o “povo eleito”! Mais vinte, lustros de machinações diabólicas, ou quem sabe? E quem dera!, de sua reconciliação plena com a Humanidade, pois na expressão veemente da terna Clotilde “é indigo dos grandes corações espalharem as perturbações que sentem” (A RAZÃO, 23 jul. 1935: p. 6).

Na sequência, o ex-Chefe integralista do Maranhão reforçou o primado da evolução irrepetível do curso da história: “A grande massa humana, marcha, sempre, no sentido ascensional”; a repetição do passado, segundo o autor, é uma falsa impressão gerada por “phenomenos sociais” que, na realidade, promovem “ligeiros recuos ao passado, onde se firma, para haurir forças de quebrar entraves opostos á sua ascensão e realizar o surto compensador do retardo trasitorio e nefasto [...]” (A RAZÃO, 23 jul. 1935: p. 6). Cada fenômeno de retrocesso corresponderia a “uma phase compensadora, de bonança e de progresso” (A RAZÃO, 23 jul. 1935: p. 6). Até aqui, o autor viu com positividade os ‘recuos’, pois se tratavam de eventos necessários ao avanço da humanidade. O grande problema para Valle Sobrinho residia nos fenômenos de retrocesso provocados por judeus:

Falta-lhe o cunho da expontaneidade. É fructo das machinações de uma nação que, sem territorio que lhe caracterise a personalidade juridica internacional, mas, aferrada ás suas tradições de sangue e religião, estabeleceu, ou, melhor, enxertou, no organismo de todos os povos, cellulas que se desenvolveram, atravez dos seculos, dentro do mais rigido exclusivismo e cujos membros são, desde a infancia, norteados, sob a mais rigorosa disciplina, no sentido de se organisarem, politicamente, ahi, mercê da cidadania adquirida pelo nascimento, de maneira a trazer sob seu jugo os incautos hospedeiros e garantir a Israel o império do Mundo, com o governo do Grande Despota (A RAZÃO, 23 jul. 1935: p. 6).

Esse fenômeno, que ameaça subjugar toda a humanidade, constitui-se num

plano traçado, com indizível má fé, por um raça, excessivamente mystica e apegada a crença prophetica, cada vez mais viva, de que Jeovah lhe conferirá fatalmente o domínio absoluto sobre todos os povos que, incautos acolheram no seu seio. Só quem seja destituído de olhos de vêr, ouvidos de ouvir e faculdade de raciocinar, se não aperceberá de que o Communismo é obra do judeu, de que as agitações e a confusão reinantes em todos os sectores da terra, são consequentes de seus machiavelicos manejos e que o celebre “olho de Moscow”, nada mais é que o seu proprio olho, que nos espreita em todas as manifestações da nossa actividade [...] (A RAZÃO, 23 jul. 1935: p. 6).

Foi a primeira vez que surgiu no periódico a referência à ‘questão judaica’ enquanto raça. Não temos como medir a reação que tal escrito provocou nos leitores do A Razão, contudo, sabemos que uma segunda parte de “Tempora Mutantur...”, prometida pelo jornal, nunca foi publicada.

Invariavelmente, tais estardalhaços antissemitas eram ‘suavizados’ no A Razão com a explicação tradicional de Plínio Salgado de que o problema dos judeus no Brasil era “moral e não ethnico” (A RAZÃO, 27 set. 1935: p. 6). Não obstante, pelo que vimos, existem poucas

razões, além da semântica integralista, para utilizarmos ‘divisões internas’ do antissemitismo camisa-verde, uma vez que nos textos aqui analisados os elementos se misturam.

A partir do que se expôs acima, podemos concluir que as imagens construídas pela AIB no Paraná apresentavam alto potencial para a mobilização do ódio no interior do movimento. O comunismo, fraco em termos de uma ameaça nacional, era frequentemente associado a figuras malignas e à destruição do mundo cristão. Os judeus, por sua vez, eram correlacionados aos males do capitalista e ao próprio comunismo, resultado último, na visão da AIB, do desenvolvimento do mundo liberal. Ao mesmo tempo, visualiza-se no jornal a presença, ainda que pouco frequente, de um racismo biológico, nutrido em fontes antissemitas europeias e nas ideias de Gustavo Barroso.

Referências Bibliográficas

- GRIFFIN, Roger. **The Nature of Fascism**. London: Printer, 1991.
- ARENDDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- PAYNE, Stanley. **A History of Fascism**. 1914-1945. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.
- LINZ, Juan J. Some Notes Toward a Comparative Study of Fascism in Sociological Historical Perspective. In: LAQUEUR, Walter. **Fascism: A Reader's Guide**. Berkeley: University of California Press, 1976.
- LEVINE, Robert M. **O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1979.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- SALGADO, Plínio. **Mensagem às pedras do deserto**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1947.
- MAIO, Marcos Chor. **Nem Rothschild Nem Trotsky**. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.
- REALE, Miguel. **Obras Políticas: 1ª fase – 1931 – 1937**. Tomo III. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Anti-Semitismo na Era Vargas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

Fontes:

A OFFENSIVA, número 57, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1935. Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa/Central de Documentação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR.

A RAZÃO, número 8, Curitiba, 22 de junho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 9, Curitiba, 28 de junho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 10, Curitiba, 5 de julho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 11, Curitiba, 12 de julho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 12, Curitiba, 23 de julho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 13, Curitiba, 30 de julho de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 14, Curitiba, 5 de agosto de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 18, Curitiba, 30 de agosto de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 22, Curitiba, 27 de setembro de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 24, Curitiba, 17 de outubro de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.

A RAZÃO, número 27, Curitiba, 8 de novembro de 1935. Espaço Delfos de Documentação e Memória Cultural, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul, Porto Alegre/RS.